

PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DO DF.

ENTREVISTADO: RENÉE SIMAS.

ENTREVISTADORES: Wanda Cozetti e Vera Catalão.

DATA: 07.11.89

CONTINUAÇÃO:

...Então, os professores foram submetidos a uma avaliação pela direção... (ENTREV.: DEPOIS DO PRIMEIRO SEMESTRE?) - ...no segundo, no final do ano; submetidos a uma avaliação com critérios que não ficaram claros para ninguém e do grupo inicial 10 professores foram dispensados, com as alegações as mais absurdas possíveis, de não terem espírito de grupo, ~~de~~ não terem se ajustado, por desajustamento emocional. Ou seja, o problema que eles mesmos geraram e obrigaram a uma participação, ^{união} dos professores em torno de reivindicações básicas, acabou gerando isso. E a análise que se fez na época, ^{y garanc} isso foi feito durante as férias, quando muitos professores estavam viajando. Então, nós ficamos sabendo também disso nas férias. Bom, quando voltamos, houve assim, uma união em torno do problema e nisso já havia mudado o governo; já tinha saído o Juscelino e já havia tomado posse o Jânio Quadros. E o prefeito da cidade, naquela época Brasília tinha prefeito... (ENTREV.: ERA QUEM?) - Paulo de Tarso; que antes de se empossar, ele já tinha se reunido com os professores, ele tinha uma proposta cultural bastante interessante para a cidade e que foi o que nos permitiu continuar a briga pela promessa e o cumprimento das casas e em defesa dos professores que tinham sido alijados do processo. Esses professores, acabaram ficando na prefeitura, sendo... (ENTREV.: APROVEITADOS?) - ...reaproveitados na prefeitura, cada um dentro da sua função. E entre essas pessoas que foi considerada desajustada, eu acho que é um marco de ajustamento e exemplo para Brasília que é a Mariana Alvina (RISOS) e que é uma das pessoas que eu acho que vocês deveriam ouvir, porque tem tudo a dizer sobre o início do sistema e da cidade até hoje

PERG.: QUAL A SUA LEITURA DESSA DEMISSÃO DESSSES 10 PROFESSORES ?

VOCÊ FALOU DAS ALEGAÇÕES DO AJUSTAMENTO EMOCIONAL...

RESP.: É! A minha leitura é exatamente a mesma que eu faço de 64. São as formas, só que a primeira foi uma forma velada e a segunda uma forma clara. Toda vez que há uma organização e que o coletivo entende e cria motivações para não reivindicar individualmente, mas sim, se posicionar como classe e como grupo, a elite dominante racha. Então, era claro que havia essa intenção de enfraquecer o grupo que ficasse, pensando, bom, agora, amedrontados e sabendo que eles são vigiados, eles vão ficar quietos.

X PERG.: ISSO, EM PLENA VIGÊNCIA DO JUSCELINO. QUEM ERA? AINDA ERA O ISRAEL PINHEIRO TAMBÉM AQUI NA DIREÇÃO?

RESP.: Era, era! Mas nós éramos ligados diretamente, nessa primeira fase, ao Ministério da Educação e Cultura.

PERG.: E QUEM ERA O MINISTRO?

RESP.: Olha, o ministro... eu, se insistir assim um pouquinho, daqui a pouco eu sei quem era o ministro. Mas acabou ficando muito ligado à direção realmente do sistema educacional próxima... (ENTREV.: QUEM ERA?) - Que era: Armando ^{Hilde}~~Del~~brand, Umbelindo de Sousa, Aparício... que agora está me fugindo o sobrenome do Aparício, que inclusive acabou morrendo num desastre de automóvel. Então, era a cúpula assim, mais ligada. E o diretor da escola que participou também dessa avaliação, era o Professor ^{Sáber} de Abreu.

PERG.: E ESSE ERA O DIRETOR?

RESP.: É! do CASEB. E com a conivência sempre de professores, óbvio, nessa própria avaliação, participaram professores. Agora, ninguém era contra a avaliação, claro! Eu acho que é uma das coisas que você pode e deve acontecer sempre, em qualquer sistema educacional ou qualquer coisa que se parece, se reflita e que se avalie. Só que essas coisas devem ser claras, objetivas e abertas. Então, se a pessoa foi avaliada... (ENTREV.: PROFISSIONALMENTE?) - ...profissionalmente; ele deve ter acesso a essa avaliação e à discussão e até à defesa de algum ponto. E isso não foi feito. Foi uma coisa assim, secreta, sumária e ninguém sabia exa-

tamente porque era e nós sentimos, nós da associação de professores que já existia, sentimos perfeitamente. Só que isso invés de diminuir a capacidade de luta, fortaleceu.

PERG.: ESSAS PESSOAS ERAM TODAS MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO?

RESP.: Olha, em princípio eram todos da associação de professores.

PERG.: ERAM MEMBROS ATIVOS?

RESP.: Não! Não era a cúpula da associação; na época não era, não era a cúpula da associação. A cúpula da associação dançou mesmo foi em 64. Não era a cúpula da associação. Tinha alguns, mas não foi assim... (ENTREV.: TODA A DIREÇÃO?) - ...inteira. É! Em 64 sim, foi a associação inteira, mas em...

PERG.: QUEM ERA A CÚPULA DA ASSOCIAÇÃO DA ÉPOCA? E QUEM ORGANIZOU A PRIMEIRA DIREÇÃO? VOCÊ SE LEMBRA?

RESP.: Na época? Olha, a cúpula da associação era... Olha, lembro, mas foi assim, as coisas foram fluindo naturalmente, com -
 X preende? Então, quando se ^{fez} ~~foi~~ a eleição para a primeira diretoria, saiu assim, das lideranças naturais que apareciam nas reuniões. Não foi uma coisa assim, que, sabe? Era um que trouxe um dado, outro que trouxe o outro. E o primeiro diretor da associação foi o Prof. Mário Coutinho; Mário Sebastião Coutinho. E os professores participavam; eu participava na parte cultural, tinha outro que participava... ' ainda não tinha uma estrutura muito complexa; era uma coi-
 X sa ^{mu} inicial, mas já que...

PERG.: TINHA OBJETIVOS CLAROS?

RESP.: Tinha objetivos claros de união, de organização e de defesa dos interesses educacionais e de classe, não é? De cumprimento das propostas. Era essa a idéia. Não era de combate a nada, era de defesa e de preservação do que a gente acreditava, de como estava sendo encaminhado o ensino. A gente queria preservar uma proposta de continuidade desse" ensino. Então, essas pessoas então, em 61, essas pessoas" já ficaram... (ENTREV.: FORA?) - É! do ensino, mas na gestão já do Paulo de Tarso, que por sorte realmente era al -

guém que deu força e compreendia, apesar da mudança de governo. E foi junto a ele também, que a associação de professores, conseguiu que fosse cumprido a promessa de Juscelino, de entrega das casas realmente aos professores.

PERG.: E NÃO FOI PACÍFICA, NÃO É? TEVE AQUELA INVASÃO...

X RESP.: Não! A invasão são as casas do BND[?]; são as seguintes; são outras...

PERG.: A DA CAIXA ECONÔMICA ERAM QUE FICAVA AONDE?

RESP.: Ficam aonde eu moro até hoje, na 708 sul. Foi a única, eu acho, que intregue assim, oficial de moradia para professores, foi essa.

PERG.: DE TODOS ESSES PRIMEIROS DO CASEB, OS PRIMEIROS CONCURSADOS, TODOS RECEBERAM CASA? EM 61?

RESP.: É! De todos os primeiros; todos. É! foi em 61; em Maio de 61.

PERG.: DAVA PARA VOCÊ AGORA TRAÇAR UM QUADRO PARA GENTE, DIGAMOS, UMAS COISAS ASSIM, MAIS ESPECÍFICAS? DAVA PARA VOCÊ NOS
X DAR UM QUADRO, SE HÁ UMA CONTINUIDADE, UMA EVOLUÇÃO CRESCENTE NISSO ATÉ 64? QUAL ERA O PERFIL DA CLIENTELA QUE IA A ESSAS ESCOLAS, PARA AS ESCOLAS PÚBLICAS DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU?

RESP.: Olha, era realmente, era a população que já estava em Brasília, a, vamos dizer, desde a elite dominante... (ENTREV.: E PREDOMINAVA A ELITE OU NÃO?) - É! Predominava. Mas não havia separação, entendeu? Era realmente todo mundo na faixa escolar e etária tinha vaga. Não tinha essa de não ter vagas. (ENTREV.: VAGAS SEMPRE HAVIA?) - É! Tinha que ter! Quer dizer, iam se criando novas turmas, iam se criando novas condições, mas não tinha, era também uma das promessas, uma das metas do Juscelino era que não faltaria escola. (ENTREV.: A FAIXA-ETÁRIA ERA REGULAR?) - A Faixa etária era regular. Agora, tinham as exceções. Nessa turma "F" da CASEB no ano de 60, já eram alunos fora da faixa etária de primeira série ginásial, mas que frequentavam o diurno. Tinha alunos de 17, de 18 anos na primeira'

série ginásial. E ainda não tinha o ensino noturno. Então, eles eram absorvidos realmente no ensino diurno. Mas de um modo geral, a faixa-etária era a faixa normal. A turma "A" de crianças de 11 anos; "A" e "B" de 11 anos, depois "X" tinha "A", "B, C, D e E". Então, ia aumentando aí, conforme a lotação de uma turma ia passando para outra. Eu me lembro bem, que a turma "F" era a turma dos mais velhos. E cada turma tinha o seu orientador; professor-orientador. Essa turma "F" que era a mais complicada, por justamente ser a faixa-etária desencontrada para a primeira série ginásial, o orientador era o Prof. Eduardo Jobim que conseguia levar assim. Então, dependia muito também do... (ENTREV.: O APROVEITAMENTO ESCOLAR ENTÃO ERA BASTANTE BOM?) - Era bastante bom, era bastante bom! Eu não acho que seja saudosismo não, porque eu reencontro alunos da época do Elefante Branco e da CASEB mesmo e eles têm assim, vivo na memória a experiência que eles passaram na escola.

PERG.: TEVE EVASÃO ASSIM, SAIU DA ESCOLA SEM COMPLETAR O PRIMEIRO GRAU?

RESP.: Não! Não tinha. A não ser quando voltavam, com a mudança do governo alguns tinham vindo e voltaram, claro! Isso teve, não é? A equipe de Juscelino foi substituída por equipes de Jânio Quadros. Então, tiveram alunos que...

PERG.: ESSA EVASÃO, NÃO ERA BEM EVASÃO, ERA INTERRUPTÃO DOS ESTUDOS, SE DÁ MAIS EM 67 E 68, PORQUE AÍ OS SECUNDARISTAS E OS UNIVERSITÁRIOS COMEÇAM A ENTRAR (NUMA POLÍTICA (IN)AVENTURADA... (DIRECHO ILEGÍVEL) ...)

PERG.: E O ENSINO NOTURNO, QUANDO COMEÇA?

RESP.: O ensino noturno começa, eu acredito, que já em 61 ou 62 começa o ensino noturno; eu creio que sim. Aí nós passamos para o Elefante Branco com o mesmo sistema de horário integral. E aí o Elefante Branco, porque na CASEB tinha os grupos por áreas, mas não chegavam a se constituir em departamentos; quer dizer, eram equipes; equipe de desenho, equipe de história, equipe de línguas, equipe disso, equipe daquilo. O Elefante não; o Elefante já, é como eu disse, colegiado. Então, eram departamentos que formavam a di

reção da escola. E esses departamentos, cada um foi se estruturando e eram discutidos com representação de alunos. ~~CD~~ levamos essa experiência, que foi num crescente mesmo de experimentação, até Abril de 64. Agora, nesse período, em que ao mesmo tempo se fazia, que se crescia do ponto de vista educacional, é claro que os problemas da cidade por ser uma cidade nova, sem infra-estrutura e no volume que foram crescendo o número de professores e número de funcionários, porque essa problemática em relação aos professores, é claro que era ainda mais grave em relação aos funcionários. Então, a associação foi se fortalecendo. Foi se fortalecendo e que também uma coisa que ficou muito ~~dúbia~~ ^{existia} desde o início, a própria constituição. Existia um sistema educacional que foi criado pelo Ministério da Educação, que deveria se extinguir. E já tinha sido criado as fundações. Brasília tinha essa cópia americana, das fundações, que não tinham verbas próprias. Então, as fundações viviam e sobreviviam do próprio governo, até hoje. E nós, a associação de professores, não entendia que isso pudesse funcionar dessa maneira; e não só os professores, mas como os outros: Da saúde; quer dizer, a saúde, a educação entendiam que isso deveria ser público e gratuito, que era essa a idéia. E aí se começou durante muito tempo, que foi a motivação assim, grande da cidade e a mobilização maior em torno da municipalização do ensino público de Brasília. E foi quando se conseguiu realmente uma lei, em que em 63 passaram todos para o ensino público de Brasília. Mas como as fundações existiam, o que aconteceu é o seguinte, nós fomos municipalizados, pertencíamos à prefeitura do DF e éramos, ao mesmo tempo, cedidos à fundação educacional, quer dizer, prestávamos serviços na fundação educacional, mas éramos funcionários da prefeitura do DF. (ENTREV.: É O ESTATUTÁRIO, NÃO É O REGIME?) - É! E, ao mesmo tempo, à fundação; e aí só poderiam ser concursados. E ao mesmo tempo, a fundação poderia ter contratos de trabalho, que é o que é mais ou menos o que... (ENTREV.: PASSOU A IMPERAR?) - ...acontece. Só que depois, com um tempo, isso ficou muito

maior e os estatutários virarem uma minoria e os Seletistas a maioria. Mas aí foi toda uma política governamental a partir de 64, que tentava muito mais para privatizar, do que tornar público. Foi acentuado isso. Então até 64, quer dizer, a luta maior foi essa da municipalização do ensino, foi uma vitória, uma conquista. E a * associação era muito fortalecida com a participação, as assembleias eram bastante concorridas e já estavam se pedindo a transformação da associação em sindicato, quando a associação foi casado todo mundo e aí foi considerado ilegal; nós tínhamos uma sede já própria. Por aí ver... (ENTREV.: AONDE ERA?) - Era ali, na rua da COBAL; era uma loja que nós tínhamos comprado da Caixa Econômica, mas não tivemos condições de, não sei. Honestamente é uma coisa que eu nunca soube o que é que aconteceu com a loja, que era da associação de professores. Não sei. (ENTREV.: COMPRADA?) - Era comprada; os professores pagavam a associação de professores, ela era regulamentada e tinha uma grande...

PERG.: QUAIS AS OUTRAS LUTAS; ALÉM DESSAS REIVINDICAÇÕES? VOCÊS ENTRAVAM TAMBÉM NO PROBLEMA DAS DIRETRIZES DE BASES DE EDUCAÇÃO? COMO É QUE FICOU AQUILO? É NESSA ÉPOCA QUE TEM O

X MEC-USAID QUE HAVIA AQUELA LUTA, PELO MENOS OS ESTUDANTES CONTRA? É NESSA MESMA ÉPOCA TAMBÉM?

RESP.: Nós, no princípio, não ficava claro, quer dizer, a não ser essa problemática da discussão entre o que era fundação privada e o que era o público, a tônica básica era essa realmente, em relação à saúde, em relação à educação, em relação à moradia. Isso era a infra mínima que era a reivindicação de todos e dos que haviam até chegado antes, como havia os funcionários da NOVACAP que estavam aqui em Brasília, antes dos professores, antes de qualquer coisa, porque eles é que fizeram a construção. E todos se sentiam nas mesmas condições, entendeu? Quer dizer, haviam promessas não cumpridas.

X PERG.: ALÉM DESSAS PRIMEIRAS GREVES QUE VOCÊS FIZERAM (INAVULVE) QUE MOTIVOU ÀQUELA EXCLUSÃO DOS 10, VOCÊ SE LEMBRA DE OUTRAS LUTAS QUE VOCÊS TENHAM ORGANIZADO? HOU

VE MAIS ALGUMA PARADA?

RESP.: Não! A primeira do primeiro ano, além de muito trabalho, foi essa realmente, era o problema fundamental, era da moradia. E era uma luta assim, bem firme. Era um problema de respeito à dignidade do professor, compreende? Era essa a temática mesmo. Já que, se havia uma dedicação exclusiva, que ele tivesse um mínimo de condição de sobrevivência para poder realmente gerir a... ((ENTREV.: ENTÃO NÃO HOUVE OUTRAS PARADAS?)) - Não! Não! Essas, foram três mais ou menos seguidas e que terminaram com essa intervenção do próprio presidente da época e com essa promessa que, pelo menos esperamos que, quer dizer, acreditamos que fosse cumprida; e como não estavam prontas, a gente tinha que esperar realmente as casas ficarem prontas, na 708.

PERG.: RENÉE, EU QUERIA SABER DE VOCÊ, QUE NESSE MOMENTO, MAIS OU
 X MENOS, EM 62 (INAUVISÍVEL) ENTROU O GOVERNO
 X JOÃO GOULART ~~CHEFIADO~~ ^{SEMIADO} AQUI E EM TODO O PAÍS HÁ UM
 SURGIMENTO DAS LUTAS POPULARES DE PROLETÁRIOS, CAMPONESES
 X E TUDO MAIS E COM ISSO VOCÊ TINHA, NÃO NO TRABALHO, NA EDUCAÇÃO AQUI, NO TRABALHO DE VOCÊS, COMO NA PRÓPRIA ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES, COMO ISSO REFLETIA?

RESP.: Olha, você sabe muito bem, por exemplo, que toda luta associativa, não é uma luta individual. Então, a associação de professores não podia ficar indiferente; ela era legalista. Então, nós participamos ativamente da campanha da legalidade, outro que era a posse do Jango. Realmente isso era uma... Isso e a escola, a escola era muito viva; a escola realmente era o que se pode chamar de: Escola Viva. Então, havia muito debate, havia muita discussão. O departamento de estudos sociais era um departamento vivo e atuante. Então, os problemas eram discutidos, eram bastante discutidos. E você sabe que na época, em 63, foi que começou no próprio MEC, a campanha da alfabetização e a instalação do método Paulo Freyre, as idéias do Paulo Freyre, o Paulo Freyre vindo. Então, começaram a surgir cursos de preparação para a alfabetização, campanha de alfabetização e a associação participava ativamente.

PERG.: E FOI IMPLANTADO AQUI EM BRASÍLIA?

RESP.: Começamos a implantar o sistema Paulo Freyre. X

PERG.: PRIMEIRO EXPERIMENTALMENTE, DEPOIS OFICIALMENTE?

RESP.: É! Não! Começamos a alfabetizar, porque ele tinha uma teoria, que justificava todo o método e começou a ser implantado. Eu cheguei a trabalhar no sistema Paulo Freyre, ia X ficar na parte cultural. Eu sempre tentava aproveitar a bagagem que a gente já tinha de ficar na parte cultural. A parte cultural seria a memória e o acervo cultural do próprio povo. Então, como Brasília tinham vindo pessoas de todas as regiões e os analfabetos, eles traziam toda a riqueza; e é esse que é o princípio do método Paulo Freyre; que X as pessoas têm toda uma riqueza de conhecimento. Se eles não dominam os símbolos, mas eles têm a própria cultura. Então, era nesse sentido de você ter, num resgate visual e oral do que eles tinham. E era em cima disso que você trabalhava. Por exemplo, os professores... (ENTREV.: SÓ UM MOMENTINHO: ENTÃO, COM ISSO VOCÊ SE ORGANIZOU TAMBÉM DENTRO DO CPC, QUE ERA O CENTRO POPULAR DE CULTURA?) - É! A gente trabalhava; isso era uma coisa geral, sabe? Isso era muito mais geral, porque o CPC... (ENTREV.: ESSE LEVANTAMENTO DE CULTURA...) - Era! Mas os CPCs estavam mais organizados em relação às universidades; em relação às universidades, mas fazia tudo parte do, vamos dizer, o ideal... (ENTREV.: PARA O LEVANTAMENTO DA PESQUISA, NÃO É?) ...era o mesmo. É! X Mas isso no método Paulo Freyre, a gente não conseguiu nem fazer. A gente ia começar a fazer e não deu tempo. O que começou efetivamente na prática, por exemplo, nós os professores não dávamos aula para os candangos analfabetos; não. Quem dava aula para os próprios candangos, era alguém alfabetizado do próprio grupo. Por exemplo, as pessoas que tinham... nós fazíamos reuniões e discutimos justamente com esses monitores das turmas. Então, por exemplo, no dia 31 de Março eu estava no Gama conduzindo um debate sobre reforma agrária, com um grupo de monitores do sistema Paulo Freyre. Então, o que que a gente fazia... (ENTREV.: ENTÃO, EM MARÇO DE 64 VOCÊ ESTAVA NO GAMA DANDO AULA PARA RE

FORMA AGRÁRIA?) - É! Quer dizer, não era assim, dando aula, nós estávamos dinamizando um grupo de reforma agrária, porque também eu não era, eu não sou especialista em agricultura, mas é claro que nós tínhamos isso como... a reforma agrária era, vamos dizer, um dos nossos ideais, que era uma necessidade para o Brasil, que existisse a reforma agrária. Então, você discutia, entendeu? O que é, o que essas idéias que até hoje você vê na televisão, que vai pegar a terra de todo mundo, vai pegar o apartamento e vai tirar o que você tem dentro e vai dar para o outro. Essas coisas que sempre a classe dominante fez para impedir que acontecesse alguma transformação. Então, você vai para um grupo e ele te levanta esse tipo de questão, que pode ser levantada na sala de aula e você dá elementos técnicos. Eu, como professora e estava com outro dinamizador; esse sim, era um agrônomo especialista em reforma agrária. Então, a gente conversa com aquele grupo, levanta e você tira as suas dúvidas também, porque você não domina todos os assuntos, você tem as suas dúvidas, mas isso quando é posto numa mesa de uma forma jogada limpa, você reformula, você é capaz. E essa dinamização é que os monitores tinham todos os assuntos e eles então é que alfabetizavam. Agora, nós tínhamos o curso do sistema Paulo Freyre. A palavra geradora em Brasília era: "Tijolo", porque essencialmente os analfabetos eram da construção civil. Então, é claro! Você quando apresenta, era visual; quando você apresenta o tijolo, você não precisa explicar o que é o tijolo, porque todo mundo conhece o tijolo. Então, aí você tem o: "TI JO LO" e depois as palavras geradoras do tijolo. E não ^{era} o tijolo em si, não eram as palavras em si, mas era a própria consciência da construção e do papel importante que aquele operário detinha na própria construção da cidade. Isso em resumo, é a essência do método Paulo Freyre. X

PERG.: QUEM FORMOU VOCÊS AQUI, QUEM COORDENAVA AQUI?

RESP.: A coordenação era feita pelo sistema Paulo Freyre do MEC e os cursos, eu me lembro de ter feito na universidade e quem veio dar o curso assim... (ENTREV.: COORDENAÇÃO?) -

...de coordenação do sistema Paulo Freyre veio de Pernambuco, já que o método já tinha sido começado em Pernambuco. Então, o daqui. ^{novamente} Então, nos tínhamos, era um projeto de ~~slides~~ ^{slides}; o sistema era basicamente isso: Um projetor de ~~slides~~ ^{slides} daqueles bem simples manuais, onde você botava o ~~slide~~ ^{slide}, tirava o ~~slide~~ ^{slide}, a caixinha com o primeiro bloco das palavras e só. E o conhecimento que cada um tinha e procurava estudar nos assuntos das reformas de base, que eram as metas do governo de Jango, eram as reformas de base. Então, o que se estudava sobre isso, de maneira que pudesse conscientizar, sem impor, não é?

PERG.: E QUANTO À ALFABETIZAÇÃO, FUNCIONAVA?

RESP.: Maravilhosamente bem; maravilhosamente bem. Era bonito, era emocionante você chegar numa classe de alfabetização do sistema Paulo Freyre, porque os adultos não estavam idiotizados. Era essa a consciência, porque você pensa bem quando o método, qual era a cartilha antiga? Começava geralmente com: Ivo vê a uva, não é? Ora, a "uva", uma fruta que não tem a menor afinidade, porque sempre foi uma coisa cara; a gente sabe, não é? (ENTREV.: COMO O NATAL! "RI - SOS") - É! E de pouquíssimas regiões, não é? E realmente o adulto ficar, quer dizer, um adulto que tem consciência e que tem formação, ficar repetindo aquele: "Ivo vê a uva; Ivo vê titia; titia..." porque aí eram as palavras geradoras; quer dizer, não chamava: Palavras geradoras, mas derivadas daquelas sílabas. Ou então, ficar decorando as vogais: A - E - I - O - U, num contexto isolado e as consoantes no outro contexto. E o método Paulo Freyre não. Ele vinha daquela coisa da vivência e ~~sempre, ele não sabe~~ ^{também} aprendia através da silabação, ele via o objeto, ele depois conscientizava a formação. Então, do tijolo, ele via quais as outras palavras; quer dizer, era motivado a formar outras palavras, mesmo que ele não soubesse escrevê-las ainda, mas ele sabia... (ENTREV.: SÓ UM MINUTO RENÉE.)

.FINAL DA TRANSCRIÇÃO DO LADO "A" DA FITA II, REFERENTE A ENTREVISTA DA PROF. RENÉE SIMAS.

.BSB/ 05.03.92

.TRANSCRIÇÃO FEITA POR BEBETO ALVES.